

Ordem do Dia

Rubem Braga

NO meio dos milhões do Brasil somos na verdade alguns poucos milhares a conhecer a sua capital secreta. E eis-me aqui nesta cidade. Aqui, as raízes; aqui, o coração; aqui, as cabeceiras. Realmente, que outra cidade mais honrada e mais viva? Nem preciso dizer, já o sabeis: estamos em Cachoeiro do Itapemirim. Onde ruas mais aflitas entre os morros verdes e o rio torto e murmure; onde essa gente, esse pé de fruta-pão, o cajueiro, as pontes? Agora as casas se pintam de novo, o prefeito reforma a praça, há cartazes pela parede, concursos de musicas, e ansiedade. Pois aí vem o dia 29 de junho. Antigamente e apenas o dia de São Pedro, o padroeiro da cidade, e havia, de frente da igreja, uma grandiosa batalha naval aérea de fogos de artifício. Jamais a esquecerei. Mas agora 29 de junho é o dia da cidade inteira, e a festa não é da igreja, é de todos, é esportiva, é escolar, é musical, é literária, social, agrícola e pecuária. É o dia do Cachoeirense Ausente; Trophanes Ramos virá de São Paulo com um escudo na lapela e no escudo o perfil do Itabira. Que Itabira? Não, esta não é Itabira do Mato Dentro. Aqui não há minério de ferro nem poemas de Carlos Drummond de Andrade; Itabira é uma grande pedra, a mais bela do Brasil, que tem direito a se mirar nas águas do Itapemirim e a ganhar sonetos de Benjamim Silva; de que mais precisa? Vamos á Boa Esperança caçar inhambús; João Madureira leva os bolsos do macacão cheios de pios que a família Coelho faz na ilha da Luz. A família Coelho faz pios para todos os bichos e os vende para todo o Brasil. João pia o nhambú, nhambú não vem. João pia jaó, chorão, juriti. Ouvimos um estampido na outra capoeira. Líbio, Jeronimo, Toninho estão matando inhambús, só a minha Laport não mata nada. João põe a culpa no carascal sujo, eu ponho a culpa no pio de João. De raiva mato uma barulhenta maritaca; na verdade não sou caçador. Almoçamos na casa do José Vieira, andamos no cavalo de Dimas Moreira. Agora na caminhonete vejo os pastos muito limpos entre os cafezais dos morros. Há dois motivos para esses pastos estarem tão limpos: primeiro, que agora nesta zona está-se caprichando na criação de gado; segundo que a guaxima está dando dinheiro. Outra vez Cachoeiro, o Guandú cheio de gente pobre e ativa. Eis o Aquidaban, um bairro; no meu tempo era um pasto do céu. Anacleto Ramos. Esta cidade cresce, seus problemas também crescem. A guerra faz os ricos mais ricos, os pobres mais pobres. Estamos na Ponte Municipal. Aqui passou outrora aquela a quem tanto amei em silêncio. Aqui passou o enterro de meu pai, o enterro de minha irmã; aqui passou o enterro do chauffeur Quitito e do pedreiro Orestes, que os integralistas mataram. Lembro estas coisas, e outras mais antigas. Esta cidade está carregada de lembranças; hoje me dizem que o Amarelo não é mais um caminho, é rua. Mas não são apenas lembranças que sinto. Há nessa trepidação, um futuro ansioso. A cidade cresce. Sim, que cidade mais honrada e mais viva? Vejo velhas fotografias de família; vejo as crianças, filhas das crianças de meu tempo, no recreio do Grupo Escolar. Vejo inumeras caras desconhecidas, ou será que a minha cara é que está ficando desconhecida? Não tem importância, pode tudo ficar desconhecido, que imorta derrubem o coreto da praça o quartinho escuro onde se guardavam os trastes velhos; derrubem até o cajueiro do alto do morro, façam novas pontes e novas gentes, tudo desconhecido. Eu, Cachoeiro, não desconheço teu coração.